

TUDO NÃO PASSA DE UMA TEMPESTADE

Tânia Regina Oliveira Ramos*

Coletamos de *O Jornal*, numa pesquisa orientada pelo Professor Gilberto Mendonça Teles, uma série de entrevistas feitas com os membros da Academia Brasileira de Letras, que recebeu o título *O Momento Literário*. Esta seção refletiu bastante a ideologia do jornal diante dos acontecimentos que procederam a visita de Marinetti ao Brasil, bem como a reação acadêmica diante das idéias e inovações artísticas, propagadas a partir da semana de 22.

O Jornal apresentou as seguintes entrevistas: Coelho Neto (13-06-1926); João Ribeiro (17-06-1926); Laudelino Freire (20-06-1926); Rodrigo Otávio (27-06-1926); Silva Ramos (04-07-1926); Cláudio de Souza (11-07-1926); Medeiros de Albuquerque (25-07-1926); Afonso Celso (01-08-1926); Hélio Lobo (08-08-1926); Gustavo Barroso (15-08-1926).

Ao apresentar a primeira entrevista, *O Jornal* opta por dois caminhos: assume uma posição contrária ao movimento que se pretendia renovador e, ao mesmo tempo, escolhe para entrevistados um grupo da Academia Brasileira de Letras, cuja opinião reacionária estaria largamente motivada contra a inovação.

Disse *O Jornal*:

“A verdade, porém, é que até aqui nada está realizado, nem fixado no domínio das letras, no que se refere a esse movimento renovador.”

E para provar essa “verdade”, durante dois meses, foram feitas as entrevistas, das quais selecionamos a de Coelho Neto, por ser ele, na época, Presidente da Academia e por conter na sua entrevista toda a essência do pensamento reacionário ao movimento modernista de 22.

* Professora de Literatura Brasileira da UFSC. Mestre em Letras pela PUC/RJ.

Nós imitamos. O nosso orgulho de criadores é uma ilusão da mimesis em que vivemos. De mais, devo dizer-lhe: nunca me preocupei com escolas. Escrevo como sinto, e o que sinto, sem submissão a regimes ou estatutos literários.

Caminho, ora ao sol, ora à sombra, conforme o sítio que atravesso, sem preocupação de bússola, porque me guio por mim mesmo.

Por enquanto, de espírito moderno só tenho visto programas: obra, nenhuma. É o caso de Hamleto: *words, words, words...* E eu prefiro como os latinos (sempre o passado): *res nom verba*.

Guerrear, não! Faça cada qual o que entender. Eu deixo-me ficar no meu canto, alheio ao que se passa lá fora... *in angulo cum libello*.

Pergunta-me o que penso das tendências do artista moderno?

Penso e sinto que o momento é dos idealistas, ab excelso. E não é tão natural que o espírito remonte, que procure no Além, uma fonte nova de inspiração, quando o próprio homem, em corpo, já se libra no espaço e voa para uma conquista que ninguém sabe ao certo qual será?

Enfim, meu caro amigo, escolas, fórmulas, programas, todos esses pregões, mais ou menos atraentes, não valem uma hora de silêncio bem aproveitada. Tudo isso, que por aí há, é ainda resultado do grande tumulto da guerra. Virão as horas serenas, virão os dias tranqüilos, e Minerva ressurgirá bela e forte, como outrora, governando o mundo do espírito, do fundo do seu tempo.

O belo é o mesmo de sempre, a eternidade não se modifica."

Tudo não Passa de uma Tempestade...

Em 1926 é eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, Henrique Coelho Neto, dois anos após ter dito ser "o último heleno", ante o discurso revolucionário de Graça Aranha no recinto da Academia. Uma afirmação dessa natureza mais avivou as críticas sobre sua pessoa e mais ativou sua reação contra o movimento renovador. De tal estado de espírito é que *O Jornal* conseguiu respostas para o primeiro inquérito da série *O Momento Literário*.

Coelho Neto usou para esse momento literário uma terminologia metaforizada, bem dentro e adequada à linguagem empregada na sua produção literária: “agitação”, “tempestade”, “ciclone”, as quais analogamente podem ver remetidas às suas obras: *Turbilhão*, *Bonança* e *Tormenta*. Dessas metáforas partiu para termos mais objetivos, comprometidos todavia com a sua idéia da arte apenas como produção, estabelecendo a seguinte terminologia: para os adeptos ao futurismo, pregoeiros do espírito moderno e para as idéias renovadoras, programas, fórmulas, pregões e escolas, das quais se considerava partidário.

Preocupado com a arte enquanto produção, afirmou que o movimento renovador não daria resultado aproveitável e que do espírito moderno só tinha visto programas agitadores. Por essa razão considerava o movimento apenas como uma “tempestade” ou um “ciclone literário”. O emprego dessas figuras deixa visível que há, em Coelho Neto, consciência de que as velhas idéias estavam desaparecendo e que a renovação estética era a responsável. Assim, ao mesmo tempo que coloca a sua não credibilidade no “programa”, compara-o com um movimento arrasador, que tende a fazer desaparecer o que resiste, colocando, porém, seu compromisso de fé no ressurgimento “da mitológica deusa da sabedoria, como se ela fosse o suporte mítico da literatura”.

Esses e outros elementos, como o emprego de expressões latinas em contraposição à expressão do personagem shakesperiano, ou seja, “Res nom verba” ao invés de “words, words, words” são mostras da reação de Coelho Neto contra tudo o que se relacionasse com as idéias inovadoras apenas pregadas ou propagadas pelos, até então, considerados futuristas. Sua preocupação maior era “coisas” e não apenas “palavras”. Esse tipo de reação é bastante natural no velho diante do novo, principalmente quando o velho passa a ser ameaçado ou substituído. Se Coelho Neto julgou ser o último heleno, reconhecia ser ele próprio o último a lutar por uma causa que considerava justa e que depois dele seria provável a imposição de um rumo diferente na produção literária.

Para os grupos ligados ao espírito moderno, ainda nessa fase de procura e entusiasmo, essas atitudes de Coelho Neto constituíram-se mais ainda num esforço para que fossem superados conceitos enraizados numa filosofia estetizante como demonstra sua afirmação inicial, destacada pelo *O Jornal* em forma de epígrafe: “O belo é o mesmo de sempre. A eternidade não se modifica.” Era em cima de conceitos radicais como esses que os inovadores se propunham a uma originalidade criadora.

Em face desses levantamentos colocou-se em questão, o que foi ou não importante para o pensamento elitista de Coelho Neto, os programas e manifestos escritos antes e a partir da Semana de 22, principalmente a

sua posição contra a pregação de Graça Aranha que, como acadêmico, deveria permanecer apertado a todo movimento. Essa posição contra Graça Aranha está implícita na entrevista, pois ao contrário de outros entrevistados, não cita em nenhum momento o nome do escritor. Aliás, Coelho Neto não cita nomes nem faz acusações diretas e pessoais. Procura apenas situar-se dentro de uma linha de produção e dentro de coordenadas estéticas e ideológicas que dirigiam seu conceito de arte, que vale a pena lembrar: “Arte nacionalista é a dos russos, que nos revela a terra e o homem, a natureza e as almas, dessa grande região misteriosa de onde nos vêm, constantemente, revelações de um espírito novo”.

Está evidente que Coelho Neto tinha uma compreensão bastante lúcida e lógica daquilo que foi proposto pelos manifestos como literatura brasileira, pois percebeu a adaptação de um modelo europeu para a implantação das novas idéias literárias no Brasil. O que ele não sentiu é que a própria mimesis brasileira em relação às idéias inovadoras importadas da Europa, poderia resultar uma posição de autodestruição de velhos elementos constitutivos, para que depois surgisse, necessariamente, mais efetiva e categórica, uma nova forma de criação literária, que superasse as tradicionais. Ao mesmo tempo que Coelho Neto se dizia não comprometido com nenhuma escola literária, a leitura de sua obra, dentro do próprio contexto em que historicamente está inserido, nos mostra estar ele preso à estética parnasiana, e assim sendo, não apresenta na sua produção nada de novo em relação a uma tentativa de superar a ilusão criativa de que ele próprio estava consciente, de acordo com suas palavras: “Nós imitamos. O nosso orgulho de criadores é uma ilusão da mimesis em que vivemos”.

Toda a entrevista de Coelho Neto está dentro dessa unidade que evidencia largamente o seu estilo e as suas idéias, pertinentes com a sua volumosa produção literária. Era difícil para um escritor, cuja preocupação maior era a literatura enquanto produção ou resultado material — “res nom verba” — conformar-se apenas com programas, já que até 1926, o Modernismo havia se definido apenas por manifestos e manifestações contra a literatura, produzida até então, ou pregando uma nova literatura. Além disso, era Coelho Neto e os demais acadêmicos que estavam recebendo severas críticas dos inovadores, além de estarem largamente motivados contra a posição do sr. Graça Aranha. Indubitavelmente, nessa atmosfera mental e moral, teria que se ativar esse espírito reacionário contra “os pregadores do espírito moderno”.

A entrevista do Sr. Coelho Neto faz parte de uma história do modernismo que ainda não foi contada. Uma história que precisa ainda ser construída e definida em função de uma problemática bastante com-

plexa, cuja utilização supõe a referência permanente ao sistema. A resistência existiu explícita nas respostas que *O Jornal* fez aos acadêmicos: “O que pensa do momento literário?”

Coerentes com a sua produção e posição, as respostas dos escritores procuram demonstrar publicamente seu desinteresse pelo mo(vi)mento literário, já que eles próprios haviam optado por permanecer fiéis às suas específicas preocupações estéticas e aos princípios da Academia, resistindo assim à superação do velho pelo novo.

